



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO

ANA KARINE DAS CHAGAS VIEIRA

**A IMPORTÂNCIA DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DIVERSIFICADAS NO
DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL**

MOSSORÓ

2017

ANA KARINE DAS CHAGAS VIEIRA

**A IMPORTÂNCIA DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DIVERSIFICADAS NO
DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL**

Artigo apresentado ao Curso de Especialização em Atendimento Educacional Especializado da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade Federal Rural do Semi-Árido como requisito para obtenção do título de Especialista em Atendimento Educacional Especializado.

Orientadora: Mônica Rafaela de Almeida,
Prof^a, Me.

MOSSORÓ

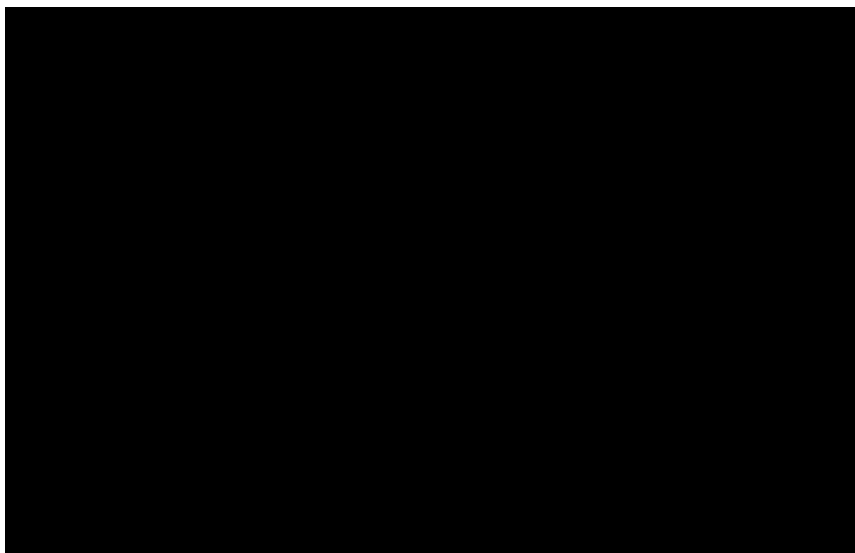
2017

A IMPORTÂNCIA DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DIVERSIFICADAS NO DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL

Artigo apresentado ao Curso de Especialização em Atendimento Educacional Especializado da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade Federal Rural do Semi-Árido como requisito para obtenção do título de Especialista em Atendimento Educacional Especializado.

Defendida em: 01 / 07 / 2017.

BANCA EXAMINADORA



RESUMO

A escola é um espaço em que o indivíduo cria e recria o conhecimento a partir de novas maneiras de interpretar o mundo. Nesse sentido, é um ambiente profícuo para o estudante com deficiência intelectual, pois pode permitir o desenvolvimento de habilidades cognitivas que auxiliem na reinvenção do conhecimento. E as práticas pedagógicas diversificadas podem permitir um processo de aprendizagem participativo, favorecendo a comunicação e a interação social. O uso do brincar, imaginar e questionar possibilita que as crianças com ou sem deficiência assimilem o conhecimento através da interação entre os pares da mesma faixa etária, tornando-as capazes de produzir novas formas de vivenciar o mundo ao seu redor. Assim, os professores necessitam organizar um modo de organização educacional que considere as necessidades de todos os alunos, especialmente os que têm deficiência intelectual. Nesse sentido, o objetivo geral desse trabalho foi analisar em que medida as práticas pedagógicas utilizadas por uma professora do ensino regular possibilitam que o estudante com deficiência intelectual seja partícipe do processo de aprendizagem, procurando conhecer o trabalho dessa docente e identificar suas concepções sobre a deficiência intelectual. O desenvolvimento desse trabalho foi em uma escola municipal, localizada na Comunidade das Pedrinhas, município de Areia Branca. Participou do estudo uma professora do 2º ano do ensino fundamental I e um estudante que apresenta características de deficiência intelectual. Como instrumentos para a coleta de dados, utilizou-se observações assistemáticas e uma entrevista semi-estruturada. A análise de dados foi realizada de forma intuitiva, tendo como referência a perspectiva fenomenológica, que se preocupa com a interpretação dos fenômenos a partir do contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fatos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo. Os resultados indicam que a utilização de práticas pedagógicas diversificadas pode melhorar a participação e o desenvolvimento das crianças com deficiência intelectual, mas a falta de apoio didático e pedagógico tem sido um obstáculo para promover uma educação inclusiva de qualidade.

Palavras-chave: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS; DEFICIÊNCIA INTELECTUAL; DESENVOLVIMENTO DE APRENDIZAGEM.

ABSTRACT

The school is a space in which the individual creates and recreates the knowledge from new ways of interpreting the world. In this sense, it is a profitable environment for the student with intellectual disability, since it can allow the development of cognitive abilities that aid in the reinvention of knowledge. And the diverse pedagogical practices can enable a participatory learning process, favoring communication and social interaction. The use of playing, imagining and questioning makes it possible for children with or without disabilities to assimilate or learn through interaction among peers of the same age group, making them capable of producing new ways of experiencing the world around them. Thus, teachers need to organize a mode of educational organization that considers the needs of all students, especially those with intellectual disabilities. In this sense, the general objective of this work was to analyze the extent to which the pedagogical practices of regular education's teacher make it possible for students with intellectual disabilities to participate in the learning process, seeking to know the pedagogical practices of this teacher and to identify the conceptions teacher on intellectual disability. The development of this work occurred in a municipal school, located in the community of the Pedrinhas, City of Areia Branca. A teacher of second-year elementary school and a student who presents characteristics of intellectual disability participated in the study. As data collection instruments, it was used non-systematic observations and a semi-structured interview. The analysis of data was realized in intuitive way, with reference to a phenomenological perspective, which is concerned with an interpretation of the phenomena from the direct contact of the researcher with the studied situation, looking for the facts according to a perspective of the subjects, that is, the participants of the situation under study. The results indicate that the use of diverse pedagogical practices can improve the participation and development of children with intellectual disabilities, but a lack of didactic and pedagogical support has been an obstacle to promoting quality inclusive education.

Keywords: PEDAGOGICAL PRACTICES; INTELLECTUAL DISABILITY; LEARNING DEVELOPMENT.

1 INTRODUÇÃO

A escola é um espaço em que o indivíduo cria e recria o conhecimento a partir de novas maneiras de interpretar o mundo. Nesse sentido, é um ambiente profícuo para o estudante com deficiência intelectual, pois pode permitir o desenvolvimento de habilidades cognitivas que auxiliem na reinvenção do conhecimento, através de uma prática pedagógica baseada em princípios humanitários, em situações que tenham raízes nas experiências vividas pelo educando, de modo a mobilizar seu raciocínio.

E as práticas pedagógicas diversificadas são atividades que vão além da teoria, são momentos onde os professores transformam suas aulas mais práticas, através de experimentos e jogos, que permitem aos estudantes um processo de aprendizagem participativo, favorecendo a comunicação e a interação social. O uso do brincar, imaginar e questionar possibilita que as crianças com ou sem deficiência assimilem o conhecimento através da interação entre os pares da mesma faixa etária, tornando-as capazes de produzir novas formas de vivenciar o mundo ao seu redor.

Desse modo, os professores necessitam planejar um modo de organização educacional que considere as necessidades de todos os alunos, especialmente os que têm deficiência intelectual. Para isso, é fundamental observar atentamente os estudantes, analisando suas características (pessoais, sociais, culturais, psicológicas e cognitivas), avaliando as habilidades que os alunos possuem e quais precisarão alcançar. E desse modo, fazer um planejamento com atividades educativas variadas, que estimulem a participação e o interesse de todos os estudantes.

Assim, é necessário promover um sistema educativo que ultrapasse a noção simplificada de cotidianidade, pensando uma educação na vida, em uma perspectiva de práxis, que exige desnaturalização dos fatos e sentimentos cotidianos, superação dos juízos provisórios (preconceitos) e apropriação da realidade. Nessa perspectiva, a pessoa com deficiência intelectual precisa ser vista como alguém que vai se apropriando da cultura, em tempos e espaços próprios, e não apenas somando hábitos, priorizando atividades e práticas educativas que mobilizem o simbólico (ALMEIDA, 2015).

A ideia de que pessoas com deficiência intelectual apresentam dificuldade de aprendizagem é bem nítida na nossa atualidade, pois existem outros fatores além do intelectual que estão presentes na sua funcionalidade, fazendo com que se compreenda melhor a diversidade de possibilidades que esses alunos possuem para desenvolver sua aprendizagem.

Nesse sentido, as práticas pedagógicas são fundamentais para reinventar os processos educacionais, respeitando os limites de cada estudante, de modo a favorecer um processo de ensino-aprendizagem qualificado e inclusivo. Desse modo, os professores precisam reconhecer as capacidades cognitivas de seus alunos, de forma a mobilizar as potencialidades dos estudantes, para favorecer uma melhor interação com o meio em que vivem, principalmente daqueles com deficiência intelectual, que tem a mesma capacidade de aprender que os demais alunos, apenas necessitam de apoio e estímulo, pois aprendem em tempo diferentes, desenvolvendo assim sua autonomia e autoconfiança.

Assim, entende-se que as práticas pedagógicas influenciam significativamente nos processos de aprendizagem das crianças com deficiência intelectual, pois pode permitir que essas crianças sejam ativas na reconstrução do conhecimento e valorizadas independente de suas limitações, fazendo com que elas se sintam incluídas na reinvenção do mundo em que vivem.

No entanto, pode-se afirmar que o brinquedo e os jogos infantis têm uma grande importância para o desenvolvimento, pois se apresentam como principais atividades da criança no período da infância. Já a criança com deficiência intelectual, apresenta atrasos em seu desenvolvimento cognitivo e motor, necessitando de muito mais apoio e estímulo para desenvolver suas habilidades. O lúdico está presente no cotidiano de todas as crianças e brincar faz parte dos primeiros atos de uma criança, porque estimula a curiosidade, a iniciativa e a autoconfiança.

A brincadeira e os jogos são imprescindíveis no desenvolvimento global da criança, tornando-se atividades adequadas no processo de ensino e na aprendizagem significativa dos conteúdos curriculares, principalmente das crianças com deficiência intelectual, pois possibilita o exercício da concentração, da atenção e da produção do conhecimento (VYGOTSKI, 1998; BATISTA e MANTOAN, 2007).

A deficiência intelectual não significa uma incapacidade e sim uma impossibilidade momentânea que pode ser trabalhada com estimulação adequada, pois a capacidade de aprender é intrínseca entre todas as demais pessoas (SANCHEZ, 2008; SANTOS, 2012; ALMEIDA, 2015). Por isso, este trabalho procurou entender como as práticas pedagógicas desenvolvem a aprendizagem de crianças com deficiência intelectual.

Nesse sentido, o objetivo geral desse trabalho foi analisar em que medida as práticas pedagógicas de uma professora do ensino regular possibilitam que o estudante com deficiência intelectual seja partícipe do processo de aprendizagem, procurando conhecer o trabalho dessa docente e identificar suas concepções sobre a deficiência intelectual.

Discutir essas questões pode possibilitar a construção de um escopo de reflexões acerca das práticas pedagógicas, que são significativas para o desenvolvimento de crianças com deficiência intelectual, mas também contribuiu para o aperfeiçoamento acadêmico e uma ampliação do aprendizado sobre a educação inclusiva, que ainda se encontra em processo de construção e reconstrução.

A Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) proposta por Vigotski (1998) ajuda a entender como a prática aproxima o aluno de uma boa aprendizagem. A ZDP é a distância entre o nível atual de desenvolvimento da criança, determinado pela sua capacidade de resolver problemas individualmente e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da resolução de problemas sob a orientação de adultos ou em colaboração com os pares mais capazes. É nessa interface que a criança se desenvolve, através da interação e da troca de experiências. Não basta, portanto, determinar o que um aluno já aprendeu para avaliar seu desempenho, mas as suas potencialidades de aprendizagem.

1.1 A deficiência intelectual e as práticas pedagógicas diversificadas

Durante um longo período na Antiguidade, especificamente na Idade Média, as pessoas com deficiência intelectual eram vistas como possuidoras de alguma força do bem ou do mal, e assim eram abandonadas ou eliminadas por seus comportamentos que eram considerados inadequados para se conviver em uma sociedade. Com o passar do tempo e a ajuda da igreja cristã, as pessoas com deficiência intelectual passaram a ser acolhidas em conventos, ficando sobre a proteção especial de Deus (SANTOS e MORATO, 2012). Para Pletsch (2012), o conceito de deficiência intelectual foi se modificando e as questões místicas foram deixadas de lado, surgindo uma concepção voltada para a alteração neurobiológica.

O termo deficiência intelectual é recente e se refere ao funcionamento do intelecto especificamente e não ao funcionamento da mente como um todo e caracteriza-se por um funcionamento intelectual inferior que diz respeito a conceitos como raciocínio, planejamento, solução de problemas, pensamentos abstratos, compreensão de ideias mais complexas, rapidez na aprendizagem e aprendizagem por experiência. Isso significa que a pessoa com deficiência intelectual tem dificuldade para aprender, entender e realizar atividades comuns para outras pessoas, mas não significa que ela não aprende (ALMEIDA, 2015).

Nesse sentido, pensar em uma educação para todos e como um direito social, requer a compreensão de uma escola que atenda, reconheça e valorize as diferenças em todos os momentos de interação e práticas educativas. Quando se fala do termo “Educação Inclusiva”, não se está falando apenas de estudantes com deficiência, mas de pensar e ressignificar novas relações que possibilitem práticas pedagógicas que considerem as diferenças entre os estudantes, que não são categorizados e pré-definidos em suas habilidades, para tanto, precisa-se redesenhar a escola considerando as diferenças e ampliando as possibilidades de ensino e aprendizagem de todos (GOMES, POULIN e FIGUEIREDO, 2010).

Na escola inclusiva os estudantes devem ser ouvidos, suas ideias partilhadas, sua participação deve ser incentivada e valorizada, pois estão em um processo contínuo de transformação, que não está previamente determinado e isso permite que os espaços educacionais sejam mais abertos, dinâmicos e potencializadores de aprendizagem. Para isso, é preciso mudanças nas concepções e práticas sobre o que é ensinar e aprender, o papel da escola, do professor, do gestor, do estudante, da família e dos envolvidos no processo educativo e, evidentemente, políticas públicas que fortaleçam essas mudanças, sempre em benefício dos estudantes. Neste processo é importante considerar que:

Para atender a todos e atender melhor, a escola atual tem de mudar, e a tarefa de mudar a escola exige trabalho em muitas frentes. Cada escola, ao abraçar esse trabalho, terá de encontrar soluções próprias para os seus problemas. As mudanças necessárias não acontecem por acaso e nem por Decreto, mas fazem parte da vontade política do coletivo da escola, explicitadas no seu Projeto Político Pedagógico-PPP e vividas a partir de uma gestão escolar democrática (ROPOLI et al, 2010, p. 10).

Nesse contexto, é importante salientar que o aluno com deficiência intelectual tem uma maneira peculiar de lidar com o seu aprendizado e essa maneira de aprender quase nunca é priorizada nas escolas, pois os objetivos de algumas escolas estão voltados para ensinar e fazer com que os alunos aprendam os conteúdos curriculares (GOMES et al., 2008). Vale salientar que essas características de aprendizagem não se resumem apenas as pessoas com deficiências, mas sim com todo e qualquer aluno.

No entanto, se as escolas não se reorganizarem para atender a todos os alunos, a exclusão será generalizada, provocando assim uma distância entre a escola comum e os alunos que supostamente não aprendem. Assim, a busca por soluções deve ser imediata, pois a

educação é um direito de todos e essas mudanças devem estar voltadas para a adaptação de currículos, de avaliação e de acompanhamento em sala de aula, pois aprender é uma condição humana, individual e heterogênea, independente da sua condição intelectual.

Assim, é fundamental modificar as práticas pedagógicas, de modo a atender um público de crianças que necessitam comprovar de uma forma menos teórica o que está aprendendo, o que pode possibilitar o desenvolvimento de uma educação humanizadora e libertadora, baseada nas experiências vividas pelo educando, de modo a mobilizar seu raciocínio para recriação de novas formas de ser e estar no mundo (FREIRE, 2014).

Desse modo, na perspectiva da Educação Inclusiva, o professor prepara atividades diversas para seus alunos, trabalhando um mesmo conteúdo, mas que atenda diferentes níveis de compreensão. “Ser livre para aprender e ensinar não implica em uma falta de limites e regras ou, ainda, em cair num espontaneismo de atuação” (BATISTA e MANTOAN, 2007, p.19).

As crianças necessitam aprender de uma maneira mais motivadora e prazerosa e muitas das práticas podem e devem estar envolvidas com atividades lúdicas, pois é por meio de exemplos práticos e da reflexão sobre esta prática que fica mais fácil e prazeroso ensinar e aprender (FERLIN e GOMES, 2008).

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 Metodologia

Este estudo teve como percurso metodológico a pesquisa exploratória, descritiva e com abordagem qualitativa. Compreende-se como exploratória uma investigação cujo objetivo é levantar informações sobre um fenômeno, buscando demarcar o campo a ser trabalhado, bem como o conhecimento das diversas condições que produzem o revelar do elemento (GIL, 2002).

De acordo com Minayo (2008), a pesquisa qualitativa tem uma metodologia própria, que visa à compreensão interpretativa das experiências dos indivíduos dentro do contexto em que foram vivenciados, respeitando as singularidades dos mesmos. Para isto, utiliza-se uma diversidade de fontes de informação obtidas em diferentes momentos para dar conta da apreensão de problemática.

A análise de dados teve como referência a perspectiva fenomenológica, que se preocupa com a interpretação dos fenômenos a partir do contato direto do pesquisador com a

situação estudada, procurando compreender os fatos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo.

O estudo fenomenológico não é dedutivo, não parte de princípios tidos como verdadeiros que possibilita chegar a conclusões em virtude unicamente de sua lógica - e nem empírico, pois ele procura mostrar o que é dado e em esclarecer esse dado, considera o que está presente à consciência. Proporciona a descrição direta da experiência, como ela é, a realidade não é tida como algo objetivo e passível de ser explicado, ela é interpretada, comunicada e compreendida. Não existe aí uma única realidade (GIL, 1999, p. 32).

A principal contribuição da perspectiva fenomenológica para a educação refere-se a defesa de uma aprendizagem significativa, não circunscrita à acumulação de informações, mas que provoque reorganização dos valores e atitudes na vida do ser em todos os seus aspectos: emocionais, cognitivos, sociais e físicos. Para tanto a aprendizagem deve ser auto-iniciada pelo aluno a partir de seus interesses e objetivos, processo no qual o professor é um facilitador e não apenas um planejador curricular, ou mero usuário de livros e outros recursos, ou elaborador de provas e atribuidor de notas.

Assim, essa pesquisa foi desenvolvida em uma escola municipal da rede pública de ensino da cidade de Areia branca. Na escolha da escola em que se realizaria a pesquisa, consideraram-se os seguintes critérios: ser do ensino fundamental I, ter crianças matriculadas com deficiência intelectual e ter sala de AEE.

Inicialmente foi realizada uma visita para solicitar a realização da pesquisa. Em seguida foi feita uma observação para verificar se a escola supracitada trabalha na perspectiva inclusiva. Posteriormente foi realizada uma entrevista semi-estruturada, com uma professora que leciona uma turma do 2º do ensino fundamental I, procurando abordar conhecer a sua experiência como professora, sua percepção sobre a deficiência intelectual e os desafios que ela encontra para trabalhar crianças com deficiências na rede regular de ensino. A professora leciona em uma turma do 2º do ensino fundamental I, na qual existe um estudante que tem 7 anos e que possui características de deficiência intelectual.

Vale salientar que tomou-se o cuidado em manter sigilo e o anonimato das informações obtidas, tendo como referência os princípios éticos que regulamenta as pesquisas envolvendo seres humanos. A participante da pesquisa assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), nesse documento tinha as informações referentes à pesquisa e as definições de sua participação. Nesse sentido, para garantir o anonimato e o sigilo das

informações, a professora entrevistada e o estudante com características de deficiência intelectual serão mencionados a partir de agora, respectivamente, pelos nomes fictícios de Liz e Lio.

2.2 Resultados e Discussão dos Dados

2.2.1 Lócus da pesquisa

A escola em que a pesquisa foi realizada é pública e municipal, localizada na Comunidade das Pedrinhas, zona rural do município de Areia Branca. A escola referida foi fundada em 1977, começando seu funcionamento no turno noturno com 60 alunos, pois tinha o objetivo de atender a uma necessidade da comunidade. O ato de criação da escola é de Nº 003/88 datado de 09/02/1988.

A escola hoje funciona durante os três turnos, conta com 16 funcionários e oferece atualmente ensino fundamental I e Educação de Jovens e Adultos (EJA). Conta atualmente com um público de 116 alunos, sendo nos turnos matutinos as turmas de 1º, 2º e 3º anos, no turno vespertino as turmas de 4º e 5º anos e no turno noturno uma turma de EJA que abrange o 4º e o 5º ano. A entidade mantenedora é a Prefeitura Municipal de Areia Branca, através da secretaria Municipal de Educação.

2.2.2 Caracterização da professora da sala de aula regular participante da pesquisa

A professora Liz tem 37 anos de idade, reside na cidade de Mossoró e é funcionária efetiva da Prefeitura de Areia Branca desde 2006. É pedagoga e atua na educação como professora de Ensino Fundamental I há 15 anos, tendo experiência em todos os níveis de 1º ao 5º ano, tendo também já trabalhado com crianças que apresentam necessidades especiais. É pós-graduada em Psicologia Escolar e da Aprendizagem e atualmente leciona na sala do 2º ano, que atende 25 alunos.

Dos 25 estudantes, há dois alunos com Necessidade Educacionais Especiais (NEE), um com características de deficiência intelectual e um com deficiência auditiva, e alguns alunos considerados com dificuldade de aprendizagem.

A professora relatou na entrevista que as principais dificuldades que ela mais encontra ao trabalhar com as crianças com NEE são: falta de apoio da escola e da Secretaria de

Educação do Município, material inadequado para realizar atividades diversificadas, como jogos e brinquedos, e falta de formação continuada.

2.2.3 Caracterização do estudante observado

Lio é uma criança com 7anos de idade, que está matriculado regularmente no 2º ano do ensino Fundamental I. É uma criança que apresenta características de deficiência intelectual, como: ainda não fala corretamente, não tem uma coordenação motora fina desenvolvida, não escreve nenhuma palavra, não consegue se comunicar com os colegas da sua idade e aparenta não compreender o conteúdo que é passado pela professora da sala de aula regular, mas ainda não foi diagnosticado com deficiência intelectual.

Desde a educação infantil que existem relatos de suas características presentes em seus relatórios arquivados em sua ficha de matrícula, no entanto, a família sempre resistiu em aceitar que a criança apresentava características diferentes para sua idade e de seus colegas com quem convivia.

Lio recebe Atendimento Educacional Especializado (AEE) desde o ano de 2016, no qual se matriculou nessa escola, mesmo sem diagnóstico, com o intuito de ser ajudado, bem como sua família ser orientada. Desde que começou a participar da Sala de Recursos Multifuncionais, as professoras que o acompanham, relataram que perceberam um avanço em seu desenvolvimento, mas ainda necessita de apoio de outros profissionais da área da saúde.

A escola está tentando mediar o encaminhamento de Lio para outras instituições, pois a família dele não tem muita instrução e se encontra em uma situação de vulnerabilidade socioeconômica, o que dificulta o acesso a outros serviços de acompanhamento.

2.2.4 As práticas pedagógicas diversificadas na rede regular de ensino

Segundo a professora Liz a prática pedagógica diversificada é de suma importância para o desenvolvimento de todos os estudantes e tem acontecido de forma significativa. A docente relatou fazer uso de jogos, pranchas de comunicação e outros materiais que servem de experimentos para a realização de uma aula diferenciada e mais prática, o que tem facilitando a aprendizagem de todos os alunos, principalmente os que apresentam Necessidades Educacionais Especiais.

A professora falou que os professores se reúnem semanalmente para fazer planejamentos e organizam como devem ser as aulas práticas, utilizando o pouco material que

tem disponível na própria escola ou utilizam materiais recicláveis que são recolhidos com a ajuda dos alunos.

Liz afirmou ainda que faz atividades com jogos, brincadeiras, aula expositivas e experimentos, procurando mostrar aos estudantes os conteúdos de uma maneira mais prazerosa e significativa, principalmente a criança que tem deficiência intelectual, que tem apresentado bons resultados nas aulas mais práticas.

2.2.5 Concepções da professora sobre inclusão e a deficiência intelectual

Quando foi discutido sobre o processo de inclusão dos alunos com Necessidades Educacionais Especiais, a professora Liz considera importante, pois melhora a socialização dessas crianças com as outras que fazem parte da turma, assim como percebe que há um desenvolvimento mais elevado da aprendizagem de todos os envolvidos no processo de inclusão. Com isso ela procura desenvolver seu planejamento de forma que envolva atividades diversificadas e diferenciadas, com o objetivo de envolver toda a turma.

Sobre as dificuldades para a realização das práticas pedagógicas, Liz relatou que é necessário que haja uma política pública de qualidade voltada para a educação e que tenha como prioridade o envolvimento dos alunos com deficiência intelectual, onde se invista com matérias de apoio adequado e professores que possam acompanhar esse aluno de forma adjunta ao professor da sala de aula regular, para que os avanços aconteçam de forma mais perceptível.

Quanto ao Atendimento Educacional Especializado voltado para a criança com deficiência intelectual, a professora Liz acredita que pode trazer resultados significativos no processo de aprendizagem, pois é uma atividade continuada que contribui para o desenvolvimento dessas crianças.

As crianças que possuem características de deficiência intelectual apresentam atitudes que não coincidem com a sua idade atual, demonstrando ter uma compreensão de crianças com idade menor e isso requer dos profissionais da educação um conhecimento mais amplo a cerca dessa deficiência, para que possamos desenvolver uma aprendizagem significativa independente de sua idade. Para que isso aconteça de forma satisfatória é preciso a utilização de estratégias que sejam voltadas para o lado mais prático de cada conteúdo, com recursos didáticos adequados, que auxiliem o professor e aluno, pois isso aproxima o aluno dos assuntos e conseqüentemente dos objetivos que devem ser alcançados.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As práticas pedagógicas diversificadas são muito importantes no desenvolvimento de qualquer criança, e quando se refere às crianças com deficiência intelectual, essa importância torna-se ainda mais relevante, pois são estudantes que demonstram muitas dificuldades em compreenderem as coisas que são comuns para o seu dia a dia e principalmente os conteúdos escolares.

Assim, é muito importante que o professor esteja atento ao nível de desenvolvimento cognitivo de seus alunos, pois a diversificação de nível maturacional e de resposta dos estudantes em sala de aula exige a realização de atividades intelectuais sistematizadas e intencionais.

O processo de ensino-aprendizagem de educandos com ou sem deficiência deve ocorrer em um espaço de respeito, diálogo e trocas de vivências. Uma prática pedagógica diversificada pode proporcionar um ambiente saudável, estimulante e facilitador da aprendizagem.

Assim, a oportunidade de realizar esse trabalho permitiu uma imersão da pesquisadora no contexto pesquisado, o que possibilitou uma aproximação do conhecimento prático de tudo que foi estudado durante o período do curso de Atendimento Educacional Especializado, foi uma experiência que permitiu fazer um recorte de informações que contribuirão para o crescimento profissional, tendo em vista que a pesquisadora já atua como professora de AEE, trazendo assim um imenso valor significativo para sua atuação profissional.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Mônica Rafaela de. **Deficiência intelectual e o Atendimento Educacional Especializado**. Caderno Didático do Curso de Atendimento Educacional Especializado. NEAD, UFERSA: EDUFERSA, 2015.

BATISTA, C. A. M.; MANTOAN, M. T. E. Atendimento Educacional Especializado em Deficiência Mental. In: GOMES, A. L. L. et al. **Atendimento educacional especializado – deficiência mental**. Formação Continuada a Distância de Professores para o Atendimento Educacional Especializado. SEESP / SEED / MEC Brasília/DF – 2007.

FERLIN, A. M.; GOMES, D. A. C. **90 ideias de jogos e atividades para sala de aula**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas. 2002.

GOMES, A. L. L.; FERNANDES, A. C; BATISTA, C. A. M.; SALUSTIANO, D. A.; MANTOAN, M. T. E.; FIGUEIREDO, R. V. **Atendimento educacional especializado em deficiência mental**. Brasília: MEC/SEESP/SEED, 2008.

GOMES, A. L. L. V. A.; POULIN, J. R.; FIGUEIREDO, R. V. **Educação especial na perspectiva da inclusão escolar**: o atendimento educacional especializado para alunos com deficiência Intelectual. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial; [Fortaleza]: Universidade Federal do Ceará, 2010.

MAGALHÃES, Rita. Currículo e práticas inclusivas na escola: tecendo fios de uma trama inconclusiva. In: MARTINS, Lúcia et al. (Org). **Práticas inclusivas no sistema de ensino e em outros contextos**. Natal: EDUFRRN, 2009. p.155-164.

PLETSCH, M. D. **Uma análise das bases epistemológicas contidas nos conceitos de deficiência mental e intelectual**. Rio de Janeiro, 2012.

ROPOLI, Edilene Aparecida. **A Educação especial na perspectiva da inclusão escolar**: a escola comum inclusiva. Brasília: MEC/SEE, v. 1, 2010.

SÁNCHEZ, J. N. G. **Dificuldades de aprendizagem e intervenção psicopedagógica**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

SANTOS, D. C. O. Potenciais dificuldades e facilidades na educação de alunos com deficiência intelectual. São Paulo: **Educação e Pesquisa**, v. 38, n. 04, p. 935-948, 2012.

SANTOS, S.; MORATO, P. Acertando o passo! Falar de deficiência intelectual é um erro: deve falar-se de dificuldade intelectual e desenvolvimental (DID). Por quê? **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 18, n. 1, p. 3-16, 2012.

VIGOTSKI, L. S. **O desenvolvimento psicológico na infância**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.